

# UM OLHAR GEOSOCIOLINGUÍSTICO SOBRE OS TABUS LINGUÍSTICOS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA AMAZÔNIA PARAENSE

A GEOSOCIOLINGUISTIC LOOK AT LINGUISTICS TABOOS IN  
QUILOMBOLAS COMMUNITIES OF PARAENSE AMAZON

Marcelo Pires dias<sup>1</sup>

Universidade Federal do Pará

Maria Sebastiana da Silva Costa<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural da Amazônia

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivos descrever e analisar três cartas linguísticas integrantes do Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA) pertencentes ao campo semântico convívio e comportamento social, a saber: carta L82 – menstruação (QSL 121); carta L95 – pessoa pouco inteligente (QSL 137); e carta L99 – prostituta (QSL 142), a partir da ótica dos tabus linguísticos. O AGQUINPA mapeou seis comunidades remanescentes de quilombo da mesorregião Nordeste do Pará, com o total de 24 informantes estratificados socialmente, considerando as variáveis sexo (masculino e feminino) e idade (faixa etária I: 18 a 30 anos e faixa etária II: 50 a 65 anos), tomando como base os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia pluridimensional. A análise mostrou o uso de eufemismos para a substituição de palavras consideradas tabus, do ponto de vista linguístico, além da presença de norma heteroléxica, dada a quantidade alta de variantes registradas em cada uma das três cartas selecionadas.

**Palavras-chave:** Tabu; Dialetologia; Quilombolas; Atlas Linguístico; Amazônia.

**Abstract:** The present article aims to describe and analyze three linguistic maps that are part of the Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA) belonging to the semantic field of conviviality and social behavior, namely: Map L82 – menstruation (QSL 121); Map L95 – unintelligent person (QSL 137); and Map L99 – prostitute (QSL 142), from the perspective of linguistic taboos. AGQUINPA mapped six remaining quilombo communities in the Northeast mesoregion of Pará, with a total of 24 socially stratified informants, considering the variables sex (male and female) and age (age group I: 18 to 30 years and age group II: 50 to 65 years), based on the theoretical-methodological assumptions of pluridimensional dialectology. The analysis showed the use of euphemisms to replace words considered taboo, from a linguistic

---

<sup>1</sup> Pesquisador na Universidade Federal do Pará. E-mail: marcelodias@duck.com.

<sup>2</sup> Pesquisadora na Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: msebastcosta@gmail.com.

point of view, in addition to the presence of a heterolexic norm, given the high number of variants recorded in each of the three selected maps.

**Keywords:** Taboo; Dialectology; Quilombolas; Linguistic Atlas; Amazon.

**Submetido em 30 de abril de 2024.**

**Aprovado em 13 de maio de 2024.**

## **Introdução**

Este artigo visa descrever e analisar do ponto de vista geossociolinguístico a presença de tabus linguísticos em quatro cartas semântico-lexicais do Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA), a saber: *menstruação, pessoa pouco inteligente e mulher que se vende*.

Os tabus linguísticos podem influenciar as respostas dos informantes na pesquisa dialetológica. Certas questões podem ser respondidas usando eufemismos ou o informante pode optar por não responder. De acordo com Wilton (2004), uma palavra pode se tornar tabu quando é utilizada com frequência em contextos pejorativos, como a palavra inglesa *nigger*, que originalmente tinha acepção de negro (*black* em inglês), mas atualmente o uso pejorativo acabou tornando a palavra um tabu linguístico.

De acordo com Guérios (1979), o tabu linguístico se refere a proibição de dizer determinado nome ou palavra. Para o autor é possível categorizar os tabus linguísticos em dois tipos: mágico-religioso ou de crença (tabu linguístico próprio), como exemplo temos a vedação de pronúncia de nomes de espíritos malignos (*diabo* e *satanás*) e moral ou de sentimento (tabu linguístico impróprio), como a não pronúncia de nomes de doenças, de comportamentos sociais, partes do corpo humano, defeitos físicos, dentre outros.

Correia (1927) classificou os tabus linguísticos, por ele denominados eufemismos. Ele os dividiu em: eufemismos de superstição e piedade; de decência e pudor; de delicadeza e respeito; e de prudência e megalomania. Conforme Guérios (1979, p.11), palavras tabus costumam ser substituídas por outras palavras consideradas adequadas, denominadas de metalexismos.

Neste trabalho observamos a ocorrência de substituição de palavras consideradas tabu, principalmente os itens lexicais ligados a moral e sentimento. Também iremos comparar os dados do AGQUINPA com outras pesquisas geolinguísticas que se debruçaram sobre a questão dos tabus linguísticos. Não iremos discutir a origem etimológica e/ou a dicionarização das variantes registradas, portanto, nos limitaremos a tratar da produtividade das respostas e avaliar, do ponto de vista semântico, a relação dessas respostas com os tabus linguísticos.

O AGQUINPA mapeou seis comunidades quilombolas do Nordeste do Pará, a partir da aplicação do Questionário Semântico-Lexical a quatro informantes estratificados socialmente em cada uma das comunidades. No total foram elaboradas 153 cartas semântico-lexicais, das quais analisaremos as seguintes: carta L82 *menstruação* (QSL 121); carta L95 *pessoa pouco inteligente* (QSL 137); e carta L99 *prostituta* (QSL 142). Nas próximas seções detalharemos os pressupostos teórico-metodológicos e em seguida faremos uma análise pluridimensional das quatro cartas escolhidas.

## **1. Pressupostos teórico-metodológicos**

A dialetologia, como campo de estudo da linguística, tem revelado por meio dos atlas linguísticos a inquestionável heterogeneidade dos falares de Norte a Sul do Brasil. Desde as publicações de Nascentes até a idealização de um atlas linguístico nacional, gerações de linguistas foram formados para dar conta da tarefa de mapear realidades geossociolinguísticas até então desconhecidas.

Segundo Brandão (2005, p.11), o atlas linguístico oferece uma perspectiva dinâmica de cada fato apresentado. Ele permite comparações simultâneas com outros fatos, conduzindo a conclusões também históricas. Portanto, os atlas, produtos significativos do trabalho de linguistas, auxiliam na compreensão da linguagem humana.

Entre 1996, ano que marca a criação do Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil e 2014, ano de publicação do primeiro volume do referido atlas, pudemos presenciar também a publicação de inúmeros atlas estaduais, regionais e de pequeno domínio, o que de certo modo incentivou o empenho para a elaboração do Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA) (DIAS, 2017), um

dos primeiros atlas de comunidades tradicionais remanescentes de quilombo. Podemos enquadrar o AGQUINPA como um atlas de pequeno domínio, categoria de atlas que retrata situações que atlas maiores nem sempre conseguem mapear, como afirmam Silva e Romano (2022, p.23):

Os atlas de pequeno domínio funcionam como um tipo de zoom para as realidades maiores e são importantes instrumentos de análise e na interpretação de nuances dialetais de um território, pois lançam um olhar mais aprofundado, por vezes não contempladas em macroatlas, tais como as línguas minoritárias, as atividades artesanais que demarcam a economia local e que são decorrentes do contato do homem com seu meio físico, questões essas que caracterizam os diferentes pontos de uma grande região.

O AGQUINPA foi construído entre os anos de 2013 e 2016, considerando comunidades quilombolas situadas na mesorregião Nordeste do Pará. As comunidades pesquisadas e seus respectivos municípios foram as seguintes: comunidade do Cacau (Colares), comunidade América (Bragança), comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba), Taperinha (São Domingos do Capim), comunidade África (Moju) e Laranjituba (Moju).

Tomamos como base os pressupostos da dialetologia pluridimensional (THUN, 2011) ao estratificar os informantes em sexo (homem e mulher) e faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), de forma que fosse possível discutir os usos em função da dimensão diageracional e diassexual, além da dimensão diatópica. Para a coleta de dados, optamos por utilizar o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (com adaptações como o acréscimo de perguntas), por se tratar de um questionário consolidado e testado, o que poderia nos permitir a comparação dos dados com o próprio ALIB e trabalhos que também utilizaram o mesmo questionário.

Ao final da empreitada, o AGQUINPA gerou 153 cartas semântico-lexicais, das quais 136 apresentaram norma heteroléxica, produzidas a partir do uso do *software* de georreferenciamento *Quantum GIS* (QGIS). As três cartas escolhidas foram selecionadas por fazerem parte do campo semântico convívio e comportamento social, assim como por apresentarem duas ou mais variantes circunscritas no que se convencionou chamar de tabus linguísticos (ou expressões eufemísticas) (cf. GUÉRIOS, 1979).

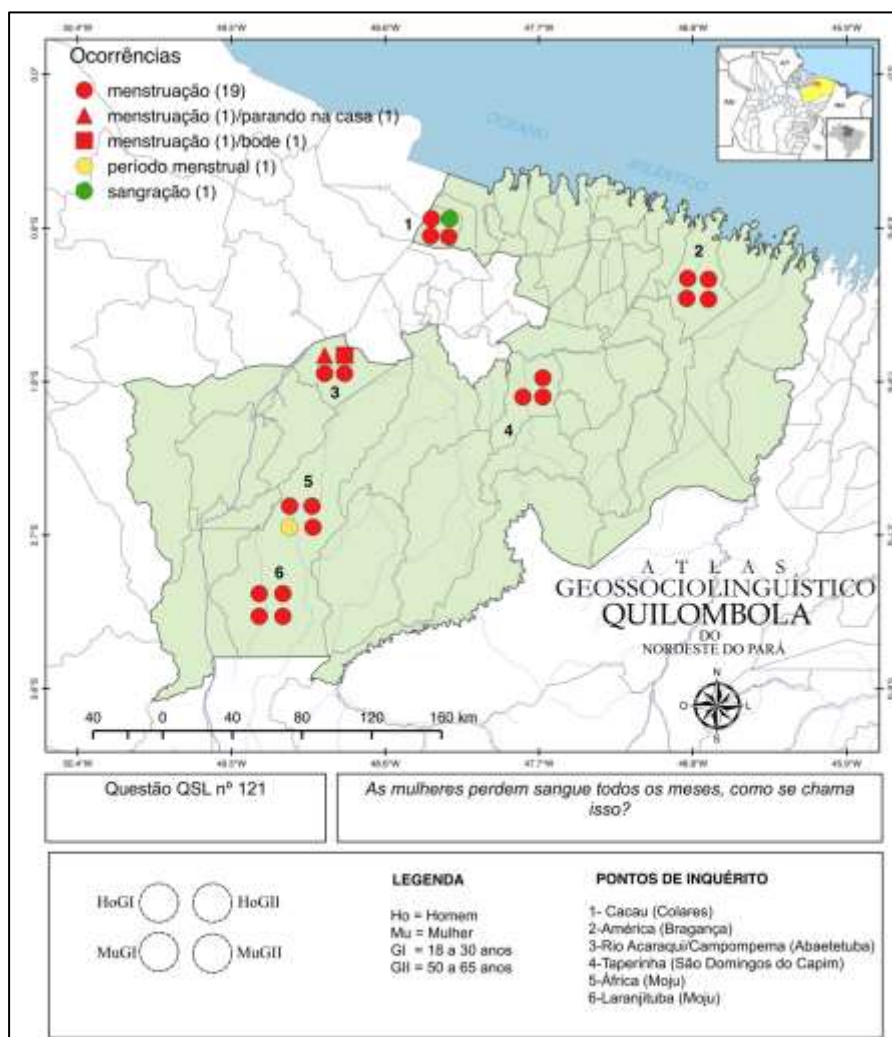
## **2. O que as cartas revelam sobre os tabus linguísticos**

### 2.1 As mulheres perdem sangue todos os meses, como se chama isso? (Carta L82 –

menstruação)

A primeira carta analisada mostra as variantes para a resposta esperada *menstruação*. No geral, prevaleceu o item lexical *menstruação* como a variante de maior frequência em todos os seis pontos de inquérito, com 21 ocorrências. Também tivemos as variantes *parando na casa* (1 ocorrência), *bode* (1 ocorrência), *período menstrual* (1 ocorrência) e *sangração* (1 ocorrência).

Figura 1. Carta L82 - menstruação.



Fonte: Dias (2017)

Do ponto de vista da diasssexual é possível observar que as mulheres responderam o item lexical *menstruação* 11 vezes e os homens 10 vezes, porém entre os homens tivemos maior diversidade de variantes, com quatro no total, enquanto as mulheres

responderam apenas as variantes período *menstrual* e *menstruação*. No caso específico dos informantes do sexo masculino, podemos dizer que são os que usam mais palavras substitutas.

A dimensão diageracional mostrou que os informantes da geração mais jovem apresentaram o maior número de variantes (4 no total) e a segunda geração (50 a 65 anos) apresentou 3 variantes, portanto, não tivemos diferenças significativas entre as duas gerações. Na tabela 1 podemos conferir os números da distribuição das variantes.

**Tabela 1.** Distribuição das variantes da Carta L82 - menstruação.

Variantes	Homens	Mulheres	Geração I	Geração II
menstruação	10	11	10	11
parando na casa	1	-	1	-
bode	1	-	1	1
período menstrual	-	1	1	-
sangração	1	-	-	1

Fonte: Dias (2017)

Do ponto vista antropológico, a *menstruação* tem figurado como um tema tabu em várias culturas, de modo que o tabu ligado se manifesta linguisticamente em forma de eufemismos, pois em algumas comunidades há a evitação de discussões sobre a saúde reprodutiva da mulher. A variante *parando na casa* foi utilizada como resposta justamente para evitar o uso da palavra menstruação.

A variante *bode* é considerada uma metáfora para menstruação, enquanto *sangração* faz referência ao processo de descamação do endométrio. Por fim, temos a expressão *período menstrual*, expressão mais técnica e menos evasiva para descrever a menstruação, especialmente em contextos em que se evitam discussões relacionadas ao corpo feminino.

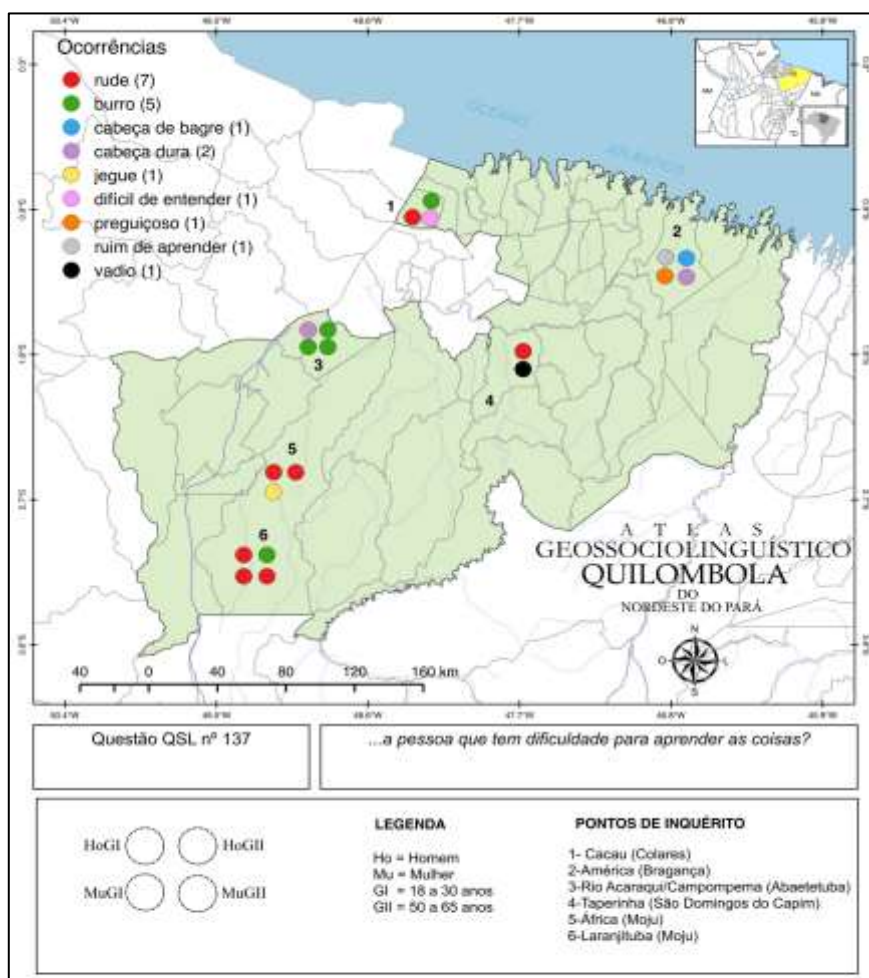
Benke (2012) ao estudar os tabus linguísticos nas capitais a partir de dados geossociolinguísticos mostrou que a variante *menstruação* predomina nas cinco regiões do Brasil, com 56,9%, seguida de *regra*, *boi*, *bode* e *chico*, de modo que a variante *bode* foi registrada nas regiões Norte e Nordeste. Podemos observar que a variante *menstruação*

prevalece tanto em Benke (idem) quanto em Dias (2017), o que indica um padrão de uso nas regiões e nas comunidades quilombolas mapeadas.

## 2.2 A pessoa que tem dificuldades para aprender as coisas? (Carta L95 – pessoa pouco inteligente)

A carta L95 mostra as variantes registradas para a questão *pessoa pouco inteligente*, o que gerou uma carta heteroléxica, com o total de nove variantes, a saber: *rude* (7 ocorrências), *burro* (5 ocorrências), *cabeça de bagre* (1 ocorrência), *cabeça dura* (2 ocorrências), além de *cabeça de bagre*, *jegue*, *difícil de entender*, *preguiçoso*, *ruim de aprender* e *vadio*, com uma ocorrência cada. Vejamos a distribuição diatópica das respostas na figura 2:

**Figura 2.** Carta L95 – pessoa pouco inteligente.



Fonte: Dias (2017)

A distribuição diassexual das variantes ficou configurada da seguinte forma: a variante *rude* prevaleceu entre os homens, com 4 ocorrências no total, seguida da variante *burro*, com 3 ocorrências. Também entre os homens tivemos as variantes *cabeça dura*, *cabeça de bagre* e *ruim de aprender*. Já entre as mulheres, *rude* e *burro* apresentaram duas ocorrências cada, além de 5 variantes: *cabeça dura*, *jegue*, *difícil de entender*, *preguiçoso* e *vadio*.

Entre as gerações tivemos a variante *rude* prevalecendo entre os mais jovens, com quatro ocorrências no total e a variante *burro* em primeiro lugar entre a 2ª geração. Cada uma das duas gerações apresentou a mesma quantidade de variantes distintas (6 no total para cada geração). Vejamos a tabela a seguir com os resultados:

**Tabela 2.** Distribuição das variantes da Carta L95 – pessoa pouco inteligente

Variantes	Homens	Mulheres	Geração I	Geração II
<i>rude</i>	4	2	4	3
<i>burro</i>	3	2	1	4
<i>cabeça dura</i>	1	1	1	1
<i>cabeça de bagre</i>	1	-	-	1
<i>jegue</i>	-	1	1	-
<i>difícil de entender</i>	-	1	-	1
<i>preguiçoso</i>	-	1	1	-
<i>ruim de aprender</i>	1	-	1	-
<i>vadio</i>	-	1	-	1

Fonte: Dias (2017)

Sobre a relação entre o tabu linguístico e as variantes presentes na carta podemos dizer que a variante *rude* é bastante utilizada como forma ofensiva e desrespeitosa de descrever uma pessoa pouco inteligente, apesar de não ser uma palavra que guarde uma relação direta com a acepção aplicada pelos informantes. Já as variantes *burro* e *jegue*



são historicamente usadas como insultos e em ambientes formais são consideradas palavras que não se deve dirigir a uma pessoa.

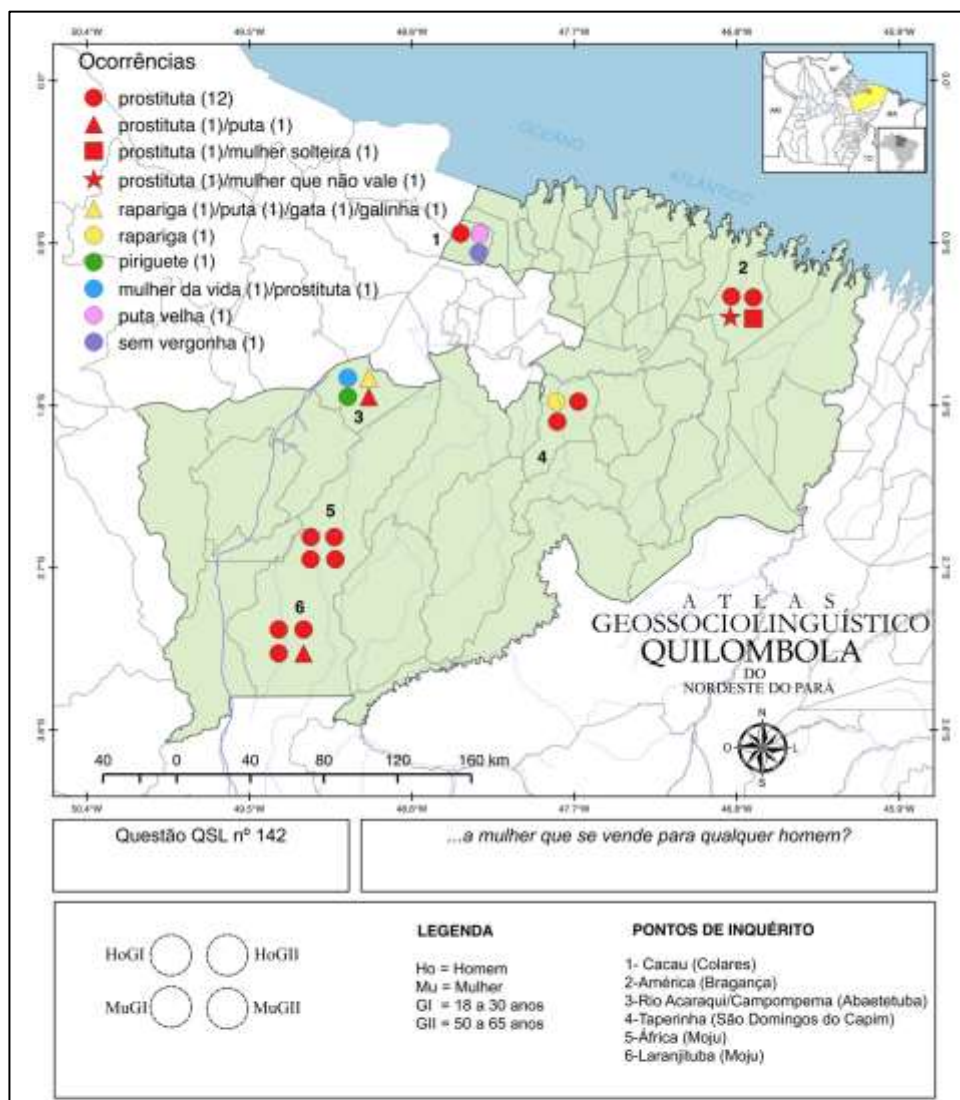
As variantes *cabeça dura* e *cabeça de bagre* são expressões (locuções) relativamente menos agressivas, se compararmos com a variante *burro*, ainda que sejam xingamentos. *Ruim de aprender* e *difícil de entender* são expressões suavizadas, mas que indicam uma maneira de descrever pessoas com dificuldades de aprendizagem, apesar de indicarem certa neutralidade. Por fim, as variantes *preguiçoso* e *vadio* não são utilizadas de modo exclusivo para a descrição de falta de inteligência, mas indicam um tipo de atributo negativo, utilizado em situações em que se quer dizer que a pessoa é pouco aplicada em determinadas tarefas, inclusive tarefas que envolvem o uso do intelecto.

O trabalho de Benke (2012) registrou 50 designações para pessoa pouco inteligente, considerando as capitais do Brasil, sendo que essas designações foram categorizadas semanticamente, de modo que a maioria das variantes estão situadas na categoria xingamento, assim como *burro*, *rude* e *jegue*. No trabalho, a variante *burro* prevaleceu nas capitais com 47,7%. Podemos observar que as variantes *burro*, *rude* e *jegue*, registradas em Benke (idem) também foram registradas no AGQUINPA.

### 2.3 A mulher que se vende para qualquer homem? (Carta L99 – prostituta)

A carta L99, que tem como pergunta *a mulher que se vende para qualquer homem?*, teve as seguintes variantes: *prostituta* (16 ocorrências), item lexical com o maior número de ocorrências, seguida de *rapariga* e *puta*, com duas ocorrências cada, além das variantes que apresentaram ocorrências únicas: *mulher solteira*, *mulher que não vale*, *gata*, *galinha*, *piriguete*, *mulher da vida*, *puta velha* e *sem vergonha*. Vejamos o mapa (figura 3) com a representação diatópica das respostas:

**Figura 3.** Carta L99 - prostituta.



Fonte: Dias (2017)

Podemos observar que a referida questão apresentou um número elevado de variantes (11 no total), com a predominância entre os homens da variante *prostituta*, com nove ocorrências, já entre as mulheres tivemos seis ocorrências. Também foi entre os homens que tivemos o maior número de variantes distintas (8 no total), já as mulheres apresentaram seis variantes.

Do ponto de vista diageracional, a variante de maior frequência (*prostituta*) apresentou a mesma quantidade de ocorrências, com oito ocorrências para cada geração. Outro fato importante: a segunda geração dos informantes apresentou o maior número de variantes distintas (8 no total).

**Tabela 3.** Distribuição das variantes.

<b>Variantes</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Geração I</b>	<b>Geração II</b>
prostituta	9	6	8	8
puta	1	1	2	2
mulher solteira	1	1	-	1
mulher que não vale	-	1	1	-
rapariga	2	-	1	1
gata	1	-	-	1
galinha	1	-	-	1
piriguete	-	1	1	-
mulher da vida	1	-	1	-
puta velha	1	-	-	1
sem vergonha	-	1	-	1

**Fonte:** Dias (2017)

O conjunto de variantes registradas mostram, gradualmente, variantes utilizadas como insulto e, portanto, envoltas de tabus linguísticos e que em alguns casos representam uma maneira de falar de um comportamento social sem comprometer a face do outro. As variantes *puta*, *piriguete* e *puta velha* são utilizadas como expressões depreciativas, sendo que a última é duplamente depreciativa (*puta* e *velha*), já as variantes *galinha* e *gata* possuem usos distintos, pois *galinha* é muito usada para indicar a comportamento considerado promíscuo ou que a mulher é de fácil conquista sexual, o que reforça um tipo de estereótipo misógino e sexista, enquanto a variante *gata* pode ser referir a beleza feminina ou conotar sexualização e objetificação das mulheres.

Outro grupo de variantes que também descreve mulheres que obtém lucro por meio da oferta de sexo apresentou as respostas: *sem vergonha*, *mulher da vida*, *mulher que não vale* e *mulher solteira*. Apesar de serem variantes portadoras de estigma e fortemente ligadas a um julgamento de valor, essas variantes são usadas como substitutas das formas de maior estigma. Também temos as variantes *rapariga* (palavra considerada como um arcaísmo) e *piriguete*, sendo que a primeira é muito utilizada de forma pejorativa para determinar a reputação sexual de mulheres e a segunda também é utilizada com a mesma finalidade.

Dentre as respostas apontadas, *prostituta* pode ser considerada a variante mais técnica e, em alguns contextos, menos depreciativa, embora essa mesma palavra seja utilizada como insulto ao julgar o comportamento sexual das mulheres, inclusive aquelas que não trabalham se prostituindo, portanto, reflete um forte tabu ligado à sexualidade.

Ao analisar a questão 142/QSL, Benke (2012) mapeou 66 formas de nomear *a mulher que se vende para qualquer homem*, com a variante *prostituta* predominando nas capitais de cinco regiões do Brasil (31,26%), seguida da variante *puta*. As variantes registradas foram categorizadas em dois grupos: a) carga semântica pejorativa, como *galinha, gata, puta, prostituta*, dentre outras; e b) carga semântica eufêmica, como *mulher solteira, mulher de vida fácil, mulher da vida*, dentre outras variantes. É possível observar que muitas variantes registradas por Benke (*idem*) também figuraram nos dados apresentados no AGQUINPA, o que indica a disseminação dessas variantes em todas as regiões brasileiras, assim como nas comunidades quilombolas.

### Considerações finais

As respostas registradas nas cartas linguísticas expostas neste trabalho demonstram não somente o conhecimento de mundo do informante, mas também seus juízos de valores e opiniões que têm relação direta com a sua vivência, portanto, as escolhas pessoais dos falantes possuem relação direta com o contexto sociocultural em que estão inseridos. As escolhas também indicam posicionamentos que podem ser considerados neutros ou não, o que nos leva a concluir que não há como destrelar a linguagem dos usos sociais, o que justifica a realização de trabalhos de cunho dialetológicos, sobretudo aqueles que levam em consideração as dimensões diageracional e diassexual.

Os informantes tendem a oscilar na escolha de variantes consideradas tabus e variantes neutras ou termos considerados mais técnicos. Para a carta L82 – *menstruação*, homens e mulheres utilizaram a variante *menstruação*, mas apenas entre as mulheres tivemos o registro da variante considerada como um termo técnico (período menstrual), já os homens utilizaram eufemismos como *sangração, bode e parando na casa*.

A carta que registrou as respostas para a pergunta *pessoa pouco inteligente* apresentou certo equilíbrio entre homens e mulheres, sendo que as variantes *rude, burro* e *cabeça dura* foram proferidas por ambos os sexos. Já a carta L99 – *prostituta* mostrou

que os homens registraram mais respostas (17 no total) e maior diversidade de variantes. Entre as mulheres tivemos variantes exclusivas, como *mulher que não vale*, *piriguete* e *sem vergonha*, por outro lado, entre os homens tivemos *rapariga*, *gata*, *galinha*, *mulher da vida* e *puta velha*.

Do ponto de vista diageracional não tivemos diferenças significativas para as respostas registradas na carta *menstruação*, *pessoa pouco inteligente* e *prostituta*, indicando estabilidade nas escolhas dos sujeitos, portanto, os dados não revelam situações de implementação de variantes ou variantes em desuso do ponto de vista da mudança linguística.

De modo geral, conseguimos registrar respostas para questões consideradas tabus para partes do corpo ou processos fisiológicos (*menstruação*), tabus para comportamentos sociais (*prostituta*) e julgamentos sociais (*pessoa pouco inteligente*). Apesar das limitações relativas ao quantitativo de dados trabalhados, o debate aqui proposto pretende contribuir para a discussão sobre os tabus linguísticos e suas motivações nos dados dos atlas linguísticos produzidos no Brasil, de modo a compreender o que leva o informante a escolher determinada variante em detrimento de outras.

## Referências

BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 2005.

CORREIA, J. S. *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1927.

DIAS, M. P. *Atlas geossociolinguístico quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)*. 2017. 2 v. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2017.

GUÉRIOS, R. F. *Tabus linguísticos*. 2ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

SILVA, G. A; ROMANO, V. P. O atlas linguístico do Brasil e os atlas de pequeno domínio: complementações e propósitos. In: SILVA, G. A; ROMANO, V. P [Orgs.]. *Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p.17-48.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Stefan. (Ed.). *Language and Space. v. 2: Language Mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2011.

WILTON, David. *Word myths: debunking linguistic urban legends*. New York: Oxford University Press, 2004.